Comunicação e Cultura Urbana: a reinvenção da sociabilidade e da cidadania nas Galerias (de passagem) da cidade do Rio de Janeiro[1].

Cíntia SanMartin Fernandes[2]
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Rio de Janeiro, R.J.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, R.J.

Micael Maiolino Herschmann[3]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, R.J.

Resumo
Nesta investigação busca-se compreender como e em que condições se reinventam a cidadania pelas práticas culturais dos espaços públicos tais como as Galerias de Passagem da cidade do Rio de Janeiro. A partir do corpus empírico pesquisado neste projeto pretende-se analisar as dinâmicas dos processos comunicacionais e suas respectivas práticas sociais visando a elaboração de um mapa sensível da cidade. A elaboração dessa cartografia tem como objetivo construir uma outra interpretação sobre as culturas urbanas, podendo subsidiar no futuro a reformulação de políticas públicas mais democráticas em que a inclusão social possa se dar a partir da perspectiva intercultural (privilegiando-se os diferentes interesses e perspectivas presentes nos diversos grupos e segmentos sociais).

Palavras-chave: comunicação; sociabilidade; culturas urbanas; cidadania.

Introdução

A cidade transformou-se em interesse de estudos desde seu florescimento. Santo Agostinho, já no século V, utilizava-a como categoria para diferenciar a vida dos homens da vida dos deuses. No entanto, será, sobretudo, a partir do século XVIII, por representar o palco de profundas mudanças econômicas, políticas e sociais, que a cidade assumirá o estatuto de problema a ser investigado. Nesse período, mais que compreendê-la "por dentro" e sem separar o espírito da carne, seus analistas, embebidos pelo racionalismo, trataram-na como pano de fundo das relações sociopolíticas e culturais. Essa lógica do pensamento racional forçou a separação entre o homem e a natureza, levando ao distanciamento entre sujeito e objeto, hiato necessário para a

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutora em Sociologia Política pela UFSC-PPGSP, docente da ESPM-RJ, atualmente realiza pós-doutorado no PPGCOM-UFRJ, email: cintia@lagoadaconceicao.com
[3] Doutor em Comunicação, pesquisador do CNPq, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, onde também dirige o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação, e-mail: micaelmh@globo.com .

construção de um conhecimento de base racional, conforme o paradigma moderno estruturado a partir da ruptura com a tradição, a favor de um futuro idealizado.

Essa dicotomia distanciou o homem da natureza possibilitando ao primeiro, sujeito do conhecimento, se apropriar do segundo de forma objetiva, utilizando para isso de métodos revogados por teorias cuja epistemologia apontava para o alargamento da distância entre sujeito e objeto. Em meio a uma lista extensa das conseqüências desse modelo paradigmático dos tempos modernos elencaremos uma que parece apresentar o problema central para as análises das sociedades atuais, ou seja, a questão da funcionalidade do tempo e do espaço e com ela o problema referente à busca e a implementação da ordem e homogeneidade social fundante da discussão a respeito da relação entre sociedade, comunicação e política cotidiana - que se estruturou ao longo de todo o século XX, sob legados epistemológicos racionalistas, iluministas e contratuais, atravessados pela razão instrumental – que não refletem a complexidade presente na vida comum, ou no mundo vivido.

Esses modelos teóricos, falam do lugar da institucionalização como espaço privilegiado tanto do mundo social como da comunicação[4] e da política. O universo da sensibilidade, de "uma racionalidade" que não tem seu fundamento em escolhas supostamente medidas, objetivas e projetivas, é hegemonicamente excluído pelo "olhar moderno". Ordenar e programar para funcionar. As relações funcionais foram responsáveis pela homogeneidade do olhar, do sentir e do viver corporalmente os espaços naturais e sociais.

Nesse sentido, um deslocamento dessa epistemologia para uma compreensão que considere a complexidade, a mutabilidade constante das conformações sócio-espaciais-corpoais, em que a separação tempo/espaço, sujeito/objeto, natureza/cultura seja posta "em suspensão" no entendimento máximo de que são os homens (corpo e espírito) em movimento na/pela cidade, na experiência sensível de seu contato e

[4] Estudiosos dos meios de comunicação de massa (ou os *media*) desenvolveram estudos que abrangem desde a definição do conceito de meios de comunicação de massa, do processo de organização, conteúdo e difusão das mensagens, até as conseqüências simbólicas, psicológicas e culturais dos *media* para as sociedades contemporâneas. Posteriormente, estes estudos incorporaram as preocupações com o desenvolvimento, na era da comunicação de massas, de uma elite que não apenas é proprietária dos meios de produção dos bens materiais, como também controla os instrumentos de reprodução simbólica. Os estudos convergiram para a indicação de que, nesta sociedade, os conteúdos alternativos à ideologia hegemônica tendem a possuir escassa probabilidade de se converterem em matéria de conhecimento público. No bojo de tais estudos, são recorrentes as críticas profundas ao uso dos meios de comunicação de massa. Segundo tais críticas, e mais precisamente no centro das discussões produzidas ao longo da história da Escola de Frankfurt, estes estariam ocupando o lugar do espaço público, do encontro político, do espaço da discussão, proporcionando apenas entretenimento e transformando a cultura e a política numa encenação esvaziada de sentidos (MATTELART, 2000).

interação social que nela têm lugar, que constroem os sentidos sócio-espaciais, que geram as espacialidades no âmbito que as definem (SENNETT, 1987)[5].

A proposta desta pesquisa é, justamente, indicar campos de análise mais amplos no que respeita à constituição de sociabilidades. Propõem-se concentrar as "formas de olhar" em uma perspectiva teórica e metodológica que considera a sensibilidade, os laços sociais fluidos, a errância e o nomadismo de valores característicos das atuais dinâmicas societais. Propõem-se em estudar e compreender a cidade e suas práticas culturais a partir da perspectiva intercultural (CANCLINI, 2005). E desse modo adentrar o universo das redes que tecem o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

A dimensão das redes[6] de relações ou sociabilidades das metrópoles, que constituem o elo de diversas comunidades, como um *locus* de interação e vivência comunitária não apenas reivindica, mas também evidencia, uma forma de sociabilidade fundada nos interstícios institucionais, onde a sensibilidade, o sentimento, assume um lugar relevante na construção da cidadania e consequentemente da democracia.

Construir uma "outra história": esta é a luta cotidiana das redes que tecem o cotidiano da história social da cidade. História a partir da valorização da vida cotidiana de bairros e regiões. Histórias individuais compartilhadas, em que a interação ocorre sob

[5] Aqui aludimos ao trabalho de Sennett, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1987. Nessa obra, originada de pesquisas históricas sobre os espaços urbanos desde a Grécia até as cidades modernas, o autor propõe uma "nova história das cidades" através da experiência corporal.

[6] Na literatura sociológica, o conceito de rede vem sendo muito utilizado nas análises a respeito dos movimentos sociais – principalmente após os anos 70, com o surgimento dos Novos Movimentos Sociais – e das relações sociais que ultrapassaram os limites locais de interação político, cultural e social. Os trabalhos de Castells, 1997 e Scherer-Warren,1999, são exemplos dessa discussão. A perspectiva assumida em nossa pesquisa compartilha com uma forma de abordar a rede como um tipo de relação social, ou seja, trabalha com a perspectiva de que a interação, a troca, o sentido e o significado compartilhados por grupos de indivíduos representam metaforicamente uma teia relacional complexa. Embora Maffesoli não tenha uma obra dedicada ao conceito de rede, em *O Tempo das Tribos* (MAFFESOLI, 1987) dedica-se ao tema em pelo menos dois itens do capítulo final, ao tratar *da proxemia*. Neste sentido aponta que "a racionalidade que presenciamos na atualidade é proxêmica, intensa (in-tensão), se organiza em torno de um eixo (guru, ação, prazer, espaço) que ao mesmo tempo liga as pessoas e as deixa livres. Ela é centrípeta e centrífuga. Daí a instabilidade aparente das tribos. O coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si" (MAFFESOLI, 1987, p.202). A rede, para Maffesoli, pode ser compreendida como entrelaçamento social, ou agregação social, como a reatualização do antigo mito da comunidade em que as informações, os desejos e as fantasias circulam em um mecanismo de *proximidade*. Daí a existência das pequenas tribos, efêmeras ou duradouras, conduzindo ao possível viver cíclico, viver que une o "lugar" e o "nós", mesmo diante da complexidade do mundo vivido. Mundo de realidade imperfeita e atribulada, mas que não deixa de produzir um *co-naissance comum* que circula na dança múltipla dos cruzamentos e entrecruzamentos, constituindo uma rede das redes. Na comunicação a ação de "redes sociais" ganha relevo nos últimos anos através dos trabalhos de André Lemos (2010) e Raquel Recuerdo (2009).

o véu da interação/comunhão que engendra re-conhecimento ("momento estético-comunicativo").

A hipótese inicial é de que o intercâmbio indivíduo-cidade representa o *élan* comunitário, algo que relaciona e aciona o outro, despertando ou provocando o grupo para a possibilidade de se re-conhecer e, neste re-conhecimento, descobrir sua potência geradora, criativa e transformadora sociocultural. Intercâmbio que ocorre em várias esferas, ou em diferentes níveis da comunicação, da interação comunicacional comunitária. Desse modo consideramos que os níveis desta interação societal podem ser categorizados em quatro fases distintas: um nível comunicativo pré-primário, um nível primário, um reflexivo-comunitário e um institucional (FERNANDES, 2009).

Assim, a comunidade navega entre dois espaços: o da socialidade e o da sociabilidade. O primeiro, mais íntimo, primário; o segundo já relacionado às regras e normas de socialização em que as pessoas assumem o status de cidadãos. No espaço de sociabilidade, a comunicação está mais organizada, embora esta organização não signifique estar ela associada, como já apresentado, aos mecanismos clássicos de expressão política (o partido político e sindicato, as instituições do estado moderno).

Na esfera da sociabilidade, a comunidade mantém sua independência de ação. Essa independência representa um deslocamento da política, um descentramento do papel dos partidos na conduta e na decisão cotidianas das comunidades. A experiência em rede representa esse deslocamento; essa possibilidade de tratarmos a ação política como uma condição humana, como intenção do ser no mundo. Ser que utiliza da comunicação (verbal, gestual, estética) para se relacionar e na interação com os outros (seja indivíduos e/ou ambientes) constrói a significação do lugar em que habita, onde convive.

Desse modo, recuperar através do estudo das experiências sensíveis na cidade a idéia "do desejo de movimento" significa reconhecer que aquilo muitas vezes negligenciado pelas teorias generalizantes da modernidade, pode se converter em fonte explicativa de fenômenos sociais complexos, ambientes políticos dinâmicos e expressões culturais enriquecedoras capazes de "potencializar" a inclusão social e uma noção de cidadania mais ampla. Noção que contemple que acessar as pequenas histórias de vida; os pequenos eventos das nossas aventuras e desventuras cotidianas; e as práticas socioculturais mais imediatas, localizadas "faz" sociedade, faz a história de uma particular comunidade integrativa.

As microinterações cotidianas: o viver entre.

O "desejo de movimento" impulsionado, como bem nos apresentou Goethe no século XIX, pelas "afinidades eletivas" permeou todo o campo da sociologia compreensiva passando por Simmel, Schutz e Weber e que ganhou força nos estudos contemporâneos ao depararmos com os modos, as formas, as configurações sociopolíticas das comunidades atuais demonstrando que existem em nós - de uma maneira freqüentemente contraditória e inconciliável, escolhas que transitam entre as singularidades e os laços de pertencimento comunitários.

A suspeita da proposição acima decorre do fato de que consideramos que, na atualidade, há um processo de redistribuição e reacomodação dos poderes – antes centrados e bem definidos nas instituições modernas –, afetando e transformando as instituições, os valores, os grupos e as classes. Conforme aponta Bauman (2001), tudo que se apresentava como sólido, estável, com "direção fixa" e, portanto, sem riscos maiores para a segurança cotidiana, está sendo sacudido pelos fluxos constantes e pela fluidez dos recursos de poder. Concordamos com isso, reafirmando que na contemporaneidade o poder fragmenta-se, possibilitando vivermos como se estivéssemos inseridos num movimento caleidoscópico, em que uma pequena alteração gera uma nova reconfiguração social.

Assim o transitório substitui o estável, o fixo e o durável, que no "projeto" moderno eram sinônimos de confiabilidade. As novas formas de sociabilidade passam a ser ancoradas num nomadismo econômico, político e cultural cuja força relaciona-se diretamente com o poder de flexibilidade e reacomodação dos laços sociais. Acreditamos ainda, conforme Michel Maffesoli (2001), que esse dinamismo contemporâneo ocidental configura-se também sob a influência intersticial do processo de "orientalização do mundo". O pensamento oriental chama a atenção do Ocidente para a relação entre a flexibilidade e a força. A primeira é que oferece a possibilidade da segunda efetivar-se, sob pena de, ausente a flexibilidade, a força converter-se em violência, retração do poder[7]. Assim, a eficácia do poder (simbólico e político) reside na flexibilidade e fluidez social. O nomadismo atual permite-nos ampliar nosso espectro de

[7] Esse tema permeou toda a obra de Hannah Arendt, em *Sobre a Violência*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994 [1969]. A autora resgata, por exemplo, os conceitos de força, poder e violência distinguindo-os no esforço de elucidar a confusão filosófica existente entre poder e violência. Para Arendt, no momento em que a política utiliza-se de força acima do respeito e da liberdade de ação comuns o poder se esvai com o desequilíbrio da força, assim, o que passa a existir é a violência que nos tempos modernos aparece sobre o signo do totalitarismo.

interação cotidiana no momento em que nos deslocamos entre territórios simbólicos, linguísticos e de diferentes formas de vida sociocultural[8]. Assim, os limites territoriais, no sentido socio-antropológico, são redefinidos conforme as relações e interações vão ocorrendo no cotidiano vivido.

Esse atual *viver entre*, viver nas interseções e nas oscilações e indeterminações, parece afetar o processo de sociabilidade das sociedades atuais. Com isso não estamos afirmando que a sociedade viva num niilismo nietzscheano, nem num processo de individualização profunda como propôs Weber (1991). Estamos atravessando um tempo em que o viver mínimo e as histórias mínimas ocupam os espaços das metanarrativas modernas. Há no ar da contemporaneidade a "incredulidade em relação aos meta-relatos" [9].

Vivemos um tempo, ou tempos em que se assume a fluidez interpessoal e individual devido à contingência e à ambivalência presentes no cotidiano. Tempos em que não se deposita confiança na linearidade do tempo, nem do espaço. Menos ainda da comunicação que deve ser compreendida não mais como apenas um meio, mas como mediação e assim como uma questão de "cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento (Martín-Barbero, 2003, p. 28). Deste modo, as microinterações cotidianas ganham centralidade, reelaborando também os processos comunicativos em que o *viver entre* reafirma o aspecto da ambigüidade societal[10].

A política, por sua vez, reflete essa transfiguração do social que na aparência pode ser interpretada como uma falta de participação, ou falta de consciência política das "grandes massas", ou de uma individualização crescente geradora de indiferença política ou de crise das solidariedades. No entanto, o que se vive é um estado social de uma busca errante por uma vida em que viver não significa apenas produzir e consumir para possuir ambiente ou homem (valorização do *homo economicus*), mas se aventurar a conhecer, e saber, para *Ser Com*, compartilhar experiências e valores.

Essa transfiguração do político por via da cultura, apresentada e discutida pelos estudos culturais (Stuart Hall; Raymond Willians), pós-coloniais (Homi Bhabha),

[8] Ver Hall, S. A *Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000, bem como Maffesoli, M. op.cit, 2001.
[9] Ver Lyotard, J,. *A Condição Pós Moderna*, Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000 [1979].
[10] Assumir esta visão não significa negar o discurso da globalização, mas acrescentar ao discurso que acaba por retomar o econômico como determinante da realidade social os aspectos culturais e a discussão a respeito da liberdade (não burguesa) do sujeito, que mesmo enfraquecido devido ao processo de mundialização do capital, não se encontra inerte, nem paralisado ou passivo. O discurso pós-moderno permite olhar para "os outros" que emergiram no seio da modernidade.

antropologia na sua articulação com a comunicação (Néstor García Canclini) e sociologia do cotidiano (Michel Maffesoli) influenciou uma gama de estudos no escopo brasileiro; principalmente aqueles que se debruçaram sobre as questões das culturas urbanas e sociabilidades[11].

Herschmann (2000), desde seus primeiros estudos a respeito da dinâmica da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro na década de 1990 – cujos meios de comunicação na época associavam os eventos dos arrastões à cultura do funk da periferia carioca e do hip-hop - levantava a questão sobre a complexidade dessas manifestações socioculturais e de como não se poderia realizar uma análise imediatista e causal, reducionista, sobre os movimentos nascentes na periferia tanto do Rio como de São Paulo aprioristicamente considerados violentos pelo imaginário social. Compreender as culturas do hip-hop e do funk trouxe à cena elementos importantes para o debate sobre representações sociais, violência, cultura popular e participação política. Uma das hipóteses apresentadas pelo autor é a de que os jovens que participam desses movimentos artísticos colocam em evidência, através de suas músicas, questões fundamentais a respeito da desigualdade social, política e econômica do país; desenvolvendo uma política cotidiana que acessava as sociabilidades mais rotineiras. Uma atuação política não necessariamente vivida num primeiro plano, mas que se fazia e faz presente em seus modos de vida, fortalecendo o reconhecimento e os referenciais identitários dessas tribos urbanas.

Em estudos recentes o autor reflete como os espaços da cidade do Rio de Janeiro vem sendo utilizados como *lócus* de experiências culturais onde as interações socioculturais e estéticas assumem um lugar de extrema relevância no contexto das políticas urbanas. A Lapa - reconhecidamente como bairro de efervescência cultural nos anos de 1930-1940, e que sofreu um processo de degradação ao longo das décadas subseqüentes retornando a ser valorizado na segunda metade dos anos de 1990 - é analisado por Herschmann (2007) sob a hipótese de que grande parte do processo de revitalização ocorrido nos anos recentes não se deve somente aos planos urbanísticos gerenciados pelas instituições públicas de revalorização e revitalização de bairros "decadentes" do centro da cidade (ocorrido em várias cidades no Brasil e no mundo), mas sim ao esforço dos agentes locais que em rede se organizaram contra o descaso

[11] Um exemplo dessas influências pode ser verificado nas produções e discussões propostas em alguns Grupos de Trabalho (GTs) que compõem os congressos na área de sociologia e antropologia (ANPOCS e ABA); bem como na comunicação (COMPÓS e INTERCOM).

público e a violência cotidiana. Os agentes locais re-significaram este pedaço da cidade requalificando-o por meio do alto valor agregado do samba e choro como gêneros musicais "de raiz" sinalizando a importância da identidade local/nacional no mundo globalizado e mostrando como a cultura pode servir como recurso sóciopolítico e econômico.

As Galerias como "alto lugares".

Reconhecendo essa problemática propomos como corpus do estudo as Galerias de Passagem da cidade do Rio de Janeiro. As Galerias, espaços precedentes aos *shoppings*, conjuntos urbanos construídos a partir do século XVIII como *Passagens* em que o "passante" é convidado a passar de uma rua a outra por espaços "programados" - a fazê-lo mais do que apenas contemplar, se deixar levar pela lógica das mediações econômicas - estimula-nos a investigá-lo sob a hipótese da possibilidade de ser um espaço que também possibilita relações que não passam apenas pela lógica do mercado (neste lugar emergem articulações capazes de descentrar o valor econômico das relações e eleger outros valores, códigos e práticas sociais), que no cotidiano da interação, e experiência com o espaço e com os "outros", carrega consigo a potencialidade de gestar (e gerar) novas sociabilidades.

Desse modo, pensar as Galerias da cidade do Rio de Janeiro como um lugar[12] significa compreender a cidade como o espaço das efervescências de diversos grupos (ou tribos), em que diferentes identidades solidificam-se, mas que ao se relacionarem nos espaços públicos passam a fazer parte de uma outra rede de relações. Passam a constituir uma rede rizomática em que vivenciam interações abertas onde o contato e o diálogo permitem um desenvolver identitário não fixo (DELEUZE, 2004). Lançam-se, assim a uma interação com a potencialidade de criação de um "outro lugar", um outro *ethos*[13], um *ethos* que engloba as diversidades vividas em seus cotidianos sócio-espaciais.

No Rio de Janeiro, há diversos espaços que se constituem como "lugar" (SANTOS, 1994; MAFFESOLI, 2003) de representação da comunhão de diversidades

[12] O lugar pode ser entendido como "espaços afetivos" que vão sendo construídos, tomam forma, à medida que são vividos, experienciados, sensivelmente e intelegivelmente. Seria aquilo que Milton Santos (1994) chamou de "espaços do acontecer solidário", que definem usos e geram valores de múltiplas naturezas, como culturais, antropológicos, econômicos, sociais etc., em que se pressupõem coexistências culturais.

[13] *Ethos* entendido como "modo de ser". Heidegger (1997) de diversas maneiras chamou a atenção para o *ethos* como maneira de habitar, como já apontavam os gregos.

estético-culturais coexistentes na cidade. Ou melhor, se tornam "altos lugares"[14] como as praias, o Parque Lage; o Jardim Botânico; a praça do Palácio do Catete; as livrarias e os bares da zona sul; a Feira da São Cristóvão, de Ipanema e Copacabana; as Galerias do centro da cidade, entre tantos outros exemplos.

Esses lugares, que representam o espaço da sociabilidade por excelência, são fortalecidos e sedimentados pelos sentimentos comuns e por uma forma de expressão também comum aos que os fazem, espaços da "comunicação-comunhão". Deste modo, as "portas e as pontes" (SIMMEL, 1983) servem como metáfora das conexões sócio-políticos culturais que vão tecendo a rede interpessoal na cidade, uma rede na qual a dimensão estética do viver, o compartilhar de sentimentos, emoções e paixões comuns, ganha relevância na constituição da potência comunal, ou dos espaços mediativos, comunicativos que rompem com o estabelecido e com toda estratégia pública de ordenação dos espaços e de poder territorial[15].

Espaços onde o *flaneur* que antes caminhava a deriva descobrindo os sentidos da cidade é posto cotidianamente num jogo de sedução no qual mercadorias lhe são expostas para lhe dizer o que deve consumir para Ser. Walter Benjamin (2006) nos dirá que este será o fim das interações livres. No entanto, partimos também do pressuposto de que as Galerias na atualidade podem ser vividas tanto como espaços de manipulação nas manifestações comerciais que utilizam a "cultura como recurso" (YÚDICE, 2004) econômico, como possíveis lugares do encontro, do *élan* comunitário, pois ao mesmo

[14] A expressão "altos lugares" surge em uma conferência de 1919 em que Max Weber (1959) provoca seus ouvintes a "comportarem-se à altura do cotidiano", pois somente desta forma seriam "capazes de encarar o severo destino de seu tempo". A expressão "à altura", presente em muitas línguas com o significado de "no mesmo nível que", permanece atual e ao mesmo tempo é arcaica, pois seu significado de origem remete aos poderes divinos e aos poderosos terrenos, à verticalização do espaço em lugares altos e lugares baixos. Conforme Tacussel (2003), Maffesoli ao longo de sua trajetória investigativa responde a este desafio de Weber. Em seus estudos inverte o significado tradicional de "alto" e exalta-o na condição do que é pequeno, cotidiano, popular. Na vontade de compreender a realidade humana nas dobras, no mosaico de culturas, nos comportamentos eventualmente percebidos como frívolos, em suma, da vida contínua e cotidiana - cujas formas parecem jogar ao mesmo tempo com reminiscências arcaicas e repentinas inovações - Maffesoli procura elevar aquilo de mais banal, o prosaico mesmo da vida, às relações de base ancoradas em experiências sensíveis em que o corpo (carne/espírito) manifesta-se como potência interativa.

[15] Georg Simmel (1983) sublinha a ambivalência da natureza urbana simbolizada pela ponte e pela porta que podem tanto abrir como fechar, unir/ligar como separar, promovendo uma dinâmica que, contendo estética, une uma série de emoções e afetos correlatos a esta *vie des nerfs*. A dupla função destas influenciam na dinâmica dos "nervos" (no duplo sentido) urbanos, pois, ao mesmo tempo em que uma "porta" pode abrir, ela delimita o espaço das relações e interações sociais; o mesmo ocorre com a "ponte", pois ao mesmo tempo em que ela liga, proporcionando a identificação, ela separa, segrega, definindo os "lugares de cada um". As relações proporcionadas pela "porta" e pela permitem tanto a emergência de novas formas de se relacionar socialmente nas grandes "ponte" cidades como o compartilhar social de emoções e afetos (estética) relativos ao corpo social, em que a metáfora é empregada para representar as veias e artérias da pulsação cotidiana da cidade.

tempo em que significa um projeto funcional de organização do espaço urbano ela é construída cotidianamente pela atuação sensível dos sujeitos que ali circulam e fazem uso dos seus espaços não apenas de modo racionalizado e utilitário, mas também de modo sensível onde diversas manifestações culturais se expressam.

Desse modo, é preciso "entrar" nas Galerias e escavar os sentidos das sociabilidades presentes nestes espaços significativos de interações em que o entendimento polarizado entre os conceitos de público e privado parece escapar ao sentido dado pelas práticas e usos socioculturais e comunicacionais do lugar que parecem apontar para o fim da distinção público/privado. A extinção dessa dicotomia expressa uma relação com os outros "baseada não mais na distinção, mas na interpenetração das consciências, num forte sentimento de pertencimento" (MAFFESOLI, 2007, p. 139).

Assim, parte-se do pressuposto também de que o indivíduo constrói sua história a partir de uma socialidade de base que o religa ao mundo a partir de sua capacidade de criação e de invenção, a partir da sensibilidade e das trocas imaginárias, ou seja, não apenas a partir da relação formal racional, mas também a partir dos imaginários sociais e práticas culturais, tais como a estética. Assim, o todo social é formado por pluralidades estético-culturais comunitárias, que aparecem à luz e mostram que o viver social é complexo, dinâmico, ambivalente, híbrido e fluido.

É a potência em ser e estar quem estrutura o social, podendo se manifestar de várias formas. Pode aparecer em ações estratégicas racionais – como em uma reflexão e ação cidadã –, como através das trocas interculturais da vida cotidiana. Essas trocas e interações tanto dos indivíduos como das diversas comunidades ou "tribos" é estruturada pela potência.

É importante grifar que essas interações estão recheadas de sonhos e desejos antes armazenados na esfera privada da vida, que passam a circular na esfera pública cotidiana ao lado da economia e da política, ocupando espaço fundamental nas expressões dos valores e das emoções coletivas. Portanto, os saberes cotidianos, a inteligência social da contemporaneidade – em que encontramos a sinergia entre sujeito e objeto, natureza e cultura, corpo e espírito – estão também enraizados na sensibilidade e no imaginário dos homens simples (MARTINS, 2000).

Conclusão

Nesta investigação busca-se, portanto, compreender como, e em que condições se reinventam a cidadania pelas práticas culturais dos espaços públicos como as Galerias de Passagem da cidade do Rio de Janeiro. Podemos pensar esses espaços como lugares que favorecem a desaceleração do cotidiano bem como as trocas e intercâmbios socioculturais desprovidos da rigidez institucional? Seriam as Galerias *lócus* de diálogo das localidades com a globalidade?Constituem-se em espaços Glocais? Espaços que estão entre as ruas e os *shoppings*, e poderiam por esse motivo, representar um espaço comunicativo da cidade em que as sociabilidades navegam entre os interesses íntimos, privados e públicos? Seriam esses espaços potencializadores do "tempo espiralado" (Maffesoli, 1995), ou seja, não da linearidade moderna, mas um tempo que se dá conjuntamente numa espacialidade em que se retorna aos costumes cotidianos locais, mas com abertura à outras práticas culturais mais globalizadas?

Assim, a partir do corpus empírico descrito neste projeto busca-se analisar as dinâmicas dos processos comunicacionais e suas respectivas práticas sociais visando a elaboração de um mapa sensível – ainda que limitado aos espaços das Galerias – da cidade do Rio de Janeiro. A elaboração dessa cartografia sensível visa construir uma outra interpretação sobre as culturas urbanas, podendo subsidiar no futuro a reformulação de políticas públicas mais democráticas em que a inclusão social possa se dar a partir da perspectiva intercultural (privilegiando-se os diferentes interesses e perspectivas presentes nos diversos grupos e segmentos sociais) tendo como referência as seguintes:

a) O intercâmbio indivíduo-cidade representa o *élan* comunitário, algo que relaciona e aciona o outro, despertando ou provocando o grupo para a possibilidade de se re-conhecer e, neste re-conhecimento, descobrir sua potência geradora, criativa e transformadora sociocultural. Intercâmbio que ocorre em várias esferas, ou em diferentes níveis da comunicação;

b) Os indivíduos constróem suas histórias a partir de uma socialidade de base que os religa ao mundo a partir de suas capacidades de criação e de invenção, a partir da sensibilidade e das trocas imaginárias, ou seja, não apenas a partir da relação formal racional, mas também a partir dos imaginários sociais e práticas culturais, tais como a estética.

c) A cidadania não alcançada por uma grande parte da população brasileira passa a ser construída por meio de outras interações sociais que em movimento pela cidade criam

outras possibilidades de corpos sociais, conformando outras sociabilidades, outros territórios.

d) A cidadania reinventa-se pelos intercâmbios cotidianos, pelas práticas socioculturais. Pela redescoberta e reinvenção dos espaços. Espaços que se lugarizam e revelam práticas e sentidos distintos daqueles pré-definidos pelas regras dos planejamentos urbanísticos;

e) As Galerias de passagem são espaços que possibilitam relações que não passam apenas pela lógica do mercado, pois neste lugar emergem articulações capazes de descentrar o valor econômico das relações e eleger outros valores, códigos e práticas sociais que geram novas sociabilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BAUMAN Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, U. **O que é Globalização?** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Lisboa: Deifel, 1989.

BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANCLINI, N. G. ***Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local***. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1997.

CANCLINI, N.G. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2005.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica***:* ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Estúdio Nobel, 1993.

CARNEIRO, Sandra de Sá; Sant.Anna, Maria J. G.(orgs). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a.

CASTELLS, M.. Materials for na exploratory theory of the network society, ***The British Journal of Sociology,*** v.51, n.1, January/March, p.5-24, 2000b.

DE CERTAU, M. **A Invenção do Cotidiano***:* artes de fazer. Petrópolis:Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GUATARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 5 vol. 2004.

DOMINGUES, J. M.. **Criatividade Social, Subjetividade Coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro:Contra Capa Livraria, 1999.

DURANT, G. ***L'Imaginaire***. Paris: Hatier, 1994.

DURANT, G. **Les Structures Antropologiques de L'ímaginaire**. Paris: Dunod, 1969 [1960].

FERRARA, Lucrécia D'Alessio.**Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Ed. Amorrortu, Buenos Aires, s/d, [1959].

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed.UNESP, 1991.

GREINER, C. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

HABERMAS, J **Facticidade e Validade:** Contribuições a uma Teoria do Discurso do Direito e do Estado Constitucional Democrático. Frankfurt, M.Suhrkamp, 1992.

HABERMAS, J. ***Teoria de la Acción Comunicativa***. Barcelona: Península, 1987.

HABERMAS, J. Uma Conversa Sobre Questões da Teoria Política. Tradução de Marcos Nobre e Sérgio Costa, **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, no.47, 1997.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte:Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HELLER, A.; FEHÉR, F. **A Condição Política Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HERSCHMANN, M. M. **O Funk e o Hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HERSCHMANN, M. M. **Lapa. Cidade da Música.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JAMESON, Fredric. ***Post-modernism, or, the Cultural Logic of late Capitalism*.** Durham: Duke University Press, 1991.

LASH, Scott. A Reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In A. Giddens, U. Beck, S. Lash (orgs), ***Modernização reflexiva*:** política, tradição e estética na ordem social moderna. Trad. de Magda Lopes, São Paulo: UNESP, 1997.

LASH, Scott. Crítica da informação, *Revista de Ciências Sociais*, Coimbra, n.54, 1999.

LAZARSFELD, P.F. ***Communication Research***. New York : Duell, 1949.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

LEMOS, A. **Cultura Das Redes** – Ciberensaios para o Século XXI. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEMOS, A. **Comunicação e Mobilidade**.Salvador: EDUFBA, 2010.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

LYOTARD, J. ***A Condição Pós Moderna***. Rio de Janeiro:José Olímpio, 2000 [1979].

MAFFESOLI, M. **O Ritmo da Vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAFFESOLI, M. ***Notes sur la Postmodernité:*** le lieu fait lien, Paris: Félin, 2003.

MAFFESOLI, M. **La Part du Diable:** *précis de subversion postmoderne*, Paris: Flammarion, 2002

MAFFESOLI, M. **Sobre o Nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001 a.[1997]

MAFFESOLI, M. **A Conquista do Presente**. Natal: Argos, 2001 b [1979]

MAFFESOLI, M. Une Lecture de Georg Simmel. *DÉMARCHES HERMÉNEUTIQUES*. ***Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales***. Bruxelles: De Boeck Université, N. 74, V.4, 2001.

MAFFESOLI, M. **Eloge de la Raison Sensible**. Paris:Grasset, 1996.

MAFFESOLI, M. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997 [1992]

MAFFESOLI, M. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Ofícios, 1995 [1993].

MAFFESOLI, M. O poder dos espaços de representação, **Revista Tempo Brasileiro**, 116 :59/70, Rio de Janeiro: Trimestral, 1994.

MAFFESOLI, M. ***O Tempo das Tribos***. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAFFESOLI, M. ***Logique de La Domination***. Paris:PUF, 1976

MAFFESOLI, M. ***La Connaissance Ordinaire:*** *précis de Sociologie Compréhensive*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1985.

MAGNANI, J.G.; TORRES, L.(org.). **Na Metrópole**, São Paulo: EDUSP, 2000.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril, 1976.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTIN-BARBERO, J. **Os Exercícios do Ver**. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTIN-BARBERO, J. Latin America: cultures in the communication media, ***Journal of Communication***, v.43, n.2., 1993.

MARTINS**,** J.Souza. **A sociabilidade do Homem Simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MATTELART, A. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo:Loyola, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOSES, P. (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994.

NETO, D'. M. I. A Porta, a Ponte e a Rede, Reflexões para Pensar (o conceito de) Rede e (o conceito de) Comunidade. **Tecendo o desenvolvimento***:* saberes, gênero, ecologia social. Maria Inácia D'ávila Neto e Rosa Maria Pedro (orgs). Rio de Janeiro: MAUAD: Bapera Editora, 2003.

NIETZSCHE, F. **A Vontade de Potência**. Porto Alegre: Globo, 1945.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense,1994.

PAIVA, R. **O Espírito Comum***:* comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

RECUERDO, R. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUBIM, A.C.. O lugar da política na sociabilidade contemporânea,. In **Lugar Global e Lugar Nenhum:** ensaios sobre democracia e globalização, / org. José Luiz Aidar; Liv Sovik, São Paulo: Hacker Editores, 2001.

RUBIM, A.C.. Democratização, Comunicação e Política: desafio contemporâneo. **Revista Brasileira de Comunicação**, S.P., v.XV, no.1, 1992.

RUBIM, A.C.. Mídia e Política no Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, no.43, 1998.
SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SARLO, B. ***Cenas da Vida Pós-Moderna.*** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

SCHERER-WARREN, I.; ROSSIAUD, J. ***A Democratização Inacabável****:* as memórias do futuro, Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHERER-WARREN, I. et alli, **Cidadania e Multiculturalismo***: teoria social no Brasil contemporâneo*, Lisboa:Socius, 2000.

SCHERER-WARREN, I.. **ONGs: os novos atores da "Aldeia Global"**. Reunião Anual da XX ANPOCS. Caxambu, 1996

SCHERER-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1996.

SCHERER-WARREN, I ; KRISCHKE, P. J. (org), **Uma Revolução no Cotidiano?** São Paulo:Brasiliense, 1987.

SENNETT, R**.. *Carne e Pedra***: o corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro:Record, 1997.

SENNETT, R**.. *O Declínio do Homem Público***: as tiranias da intimidade, SP: Companhia das Letras, 1988.

SHUTZ Alfred, ***Fenomenologia Del Mundo Social*** (Introducción a la Sociologia Compreensiva), trad. Eduardo J. Pietro, Buenos Aires: Paidós, 1972.

SIMMEL, Georg. ***Sociologie et épitésmologie***. Paris: PUF, 1981.

SIMMEL, G. ***Pont et Port***. Cahier de l'Herne. Paris: Ed. de l'*Herne*, nº 45 ,1983.

SIMMEL,G. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, Otávio. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros:identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura**. A comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **As Estratégias Sensíveis - afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TACUSSEL, P. "À altura do cotidiano – a propósito da obra de Michel Maffesoli". In **Notes sur la postmodernité: Le lien fait lien**, Paris: Editions du Felin/Institu du Mond Arabe, 2003.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1991.
WEBER, M. **Le Savant et La Politique**. Paris: Plon, 1959.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, R.***Cultura.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Usos da cultura na Era Global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.